

Desenvolvimento Social

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

AJ01959

ESPECIAL IBGE

# Desigualdade: a marca do Brasil

**D**istância entre brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. A Síntese de Indicadores Sociais 2002, divulgada ontem pelo IBGE, aponta a desigualdade como marca da sociedade brasileira.

Os dados, baseados em informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001, revelam que a desigualdade por cor é ainda mais forte que por gênero. De acordo com o instituto, homens negros e pardos ganhavam, em 2001, 30% a menos que mulheres brancas.

No Espírito Santo, a situação é a mesma. A maior parte dos capixabas que participou da pesquisa se declarou parda (50,3%), seguida por brancos (43,6%) e negros (5,8%). Os números mostram que mais da metade da população capixaba é negra e parda, mas o rendimento médio dessas duas raças não chega à metade do que ganham os brancos.

Nem mesmo o aumento do nível educacional tem sido suficiente para superar as desigualdades. Justamente entre a população ocupada com 12 anos ou mais de estudo, ou seja, a que já ingressou na faculdade, há as maiores diferenças.

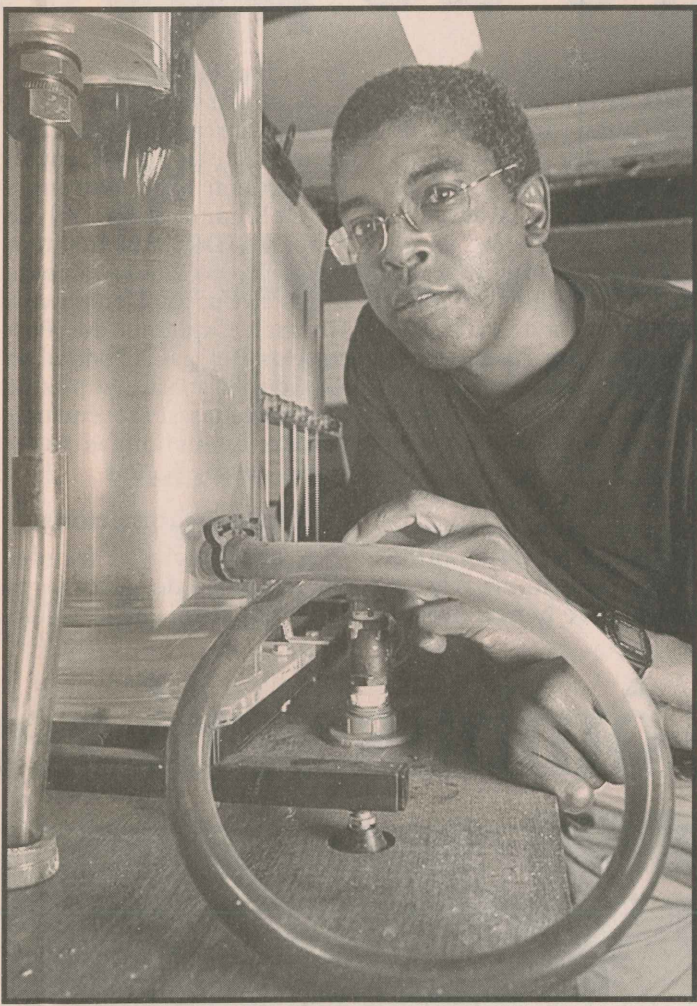
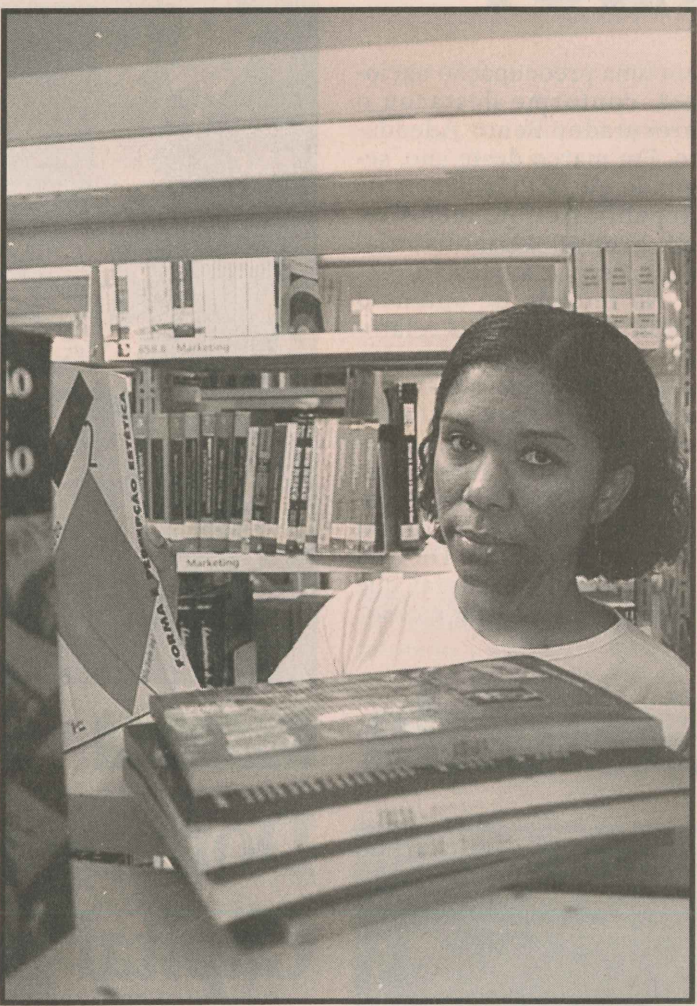
A pesquisa mostra que, no Estado, a média de anos estudados por pessoas brancas é de 7,9, enquanto o rendimento atinge 4,20 salários mínimos em 2001. Na população capixaba negra, os números são bem menores: 4,9 anos de estudo e rendimento de 1,80 salário mínimo.

### Sentindo na pele

Apesar de hoje ser um profissional de sucesso, o Ph.D. em Recursos Hídricos e coordena-

Indicadores sociais do IBGE mostram que a desigualdade por cor é ainda maior que por sexo. Homens negros e pardos ganham menos que mulheres brancas

LUCILA KOSE E MARIANA PERINI



Fotos de Carlos Alberto da Silva

### ACESSO À EDUCAÇÃO

Polyana Serra Santos frequentou escolas públicas e se sentiu em desvantagem na hora das provas. Hoje, paga a faculdade particular com uma bolsa de estudos. Já Edmilson Costa Teixeira, Ph.D. em Recursos Hídricos e coordenador do Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos da Ufes, é um profissional de sucesso, mas conta que já sofreu discriminação

## Preconceito começou com a escravidão

Os dados da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE chamaram a atenção do sociólogo Timóteo Camacho, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Ele avalia que o preconceito racial existe desde a época da escravidão, já que com a abolição da escravatura, os burgueses descartaram a mão-de-obra negra e optaram por trazer imigrantes europeus ao país.

“Com isso, os negros ficaram desempregados e, conseqüentemente, pobres”, explicou. Além dessa situação, que se tornou uma “bola de neve”, segundo o sociólogo, o preconceito contribuiu para manter a desigualdade racial no país.

Para Timóteo, a melhora registrada nos últimos anos na área da Educação ainda não representa uma boa colocação de negros no mercado de trabalho e na conquista de bons salários. “Ou seja, o negro instruído continua tendo menos chances de arrumar emprego do que um branco até menos qualificado”.

As mulheres também são vítimas dessa discriminação, de acordo com o sociólogo. “Tenho dados que mostram que a mulher é mais instruída que o homem em todos os níveis, mas, mesmo assim, ela não consegue os mesmos cargos e salários que os homens”, explicou.

O difícil acesso de estudan-



Recursos Hídricos e coordenador do Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos (Gearh), Edmilson Costa Teixeira, conta que já foi discriminado racialmente. "Já passei por situações constrangedoras. Quando ia na casa de amigos, sempre entrava pela cozinha".

Vindo de família humilde, Edmilson disse que conseguiu estudar graças a ajuda dos pais. Em outro extremo, onde se encontra a maioria dos negros brasileiros, está a doméstica Odete Santos da Silva, 34 anos. Sem estudos, ela tenta sobreviver com um salário mínimo. "Trabalho desde muito pequena. A falta de estudos limita o meu campo de trabalho."

# Universidade pública absorve rico

A desigualdade continua quando o assunto é Educação. A taxa de analfabetismo caiu e o acesso à escola e à escolaridade da população melhoraram. Mas, apesar dos avanços, as desigualdades regionais e as causadas por fatores socioeconômicos permanecem, principalmente no ensino superior.

Nesse item a pesquisa constatou que apenas um terço da população estuda em universidades públicas. Isso significa que alunos que pas-

saram a vida toda estudando em escolas públicas não conseguem ingressar no ensino superior público.

O que ocorre é justamente o inverso com estudantes que passaram a vida toda em escolas particulares.

Dessa forma, o estudante da escolha pública tem duas opções: ou desiste de ingressar no ensino público superior ou faz o "impossível" para conseguir pagar uma faculdade particular.

Esse foi o caso de Polyana Serra Santos, 23 anos. Depois de tentar o vestibular na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) por dois anos, Polyana passou numa faculdade particular.

Sem a ajuda dos pais, com o salário que recebe ela paga a mensalidade de R\$ 405,00 do curso de Publicidade e Propaganda na Faesa. "Faço estágio na própria faculdade e ganho uma bolsa de 100%. Se não tivesse esse emprego,

não poderia estudar", afirma a estudante.

Polyana frequentou escolas públicas e sentiu a desigualdade na hora das provas. "Tive dificuldade nas matérias. Depois que não passei da primeira vez, resolvi fazer um cursinho particular. Mas, para tanto, tive que começar a trabalhar. O número de pessoas com dificuldades financeiras na minha sala é grande", diz ela.

O difícil acesso a estudantes de escolas públicas às universidades públicas, para o sociólogo, é causa da realidade socioeconômica do país. Em sua avaliação, o estudante rico, além de estudar em escola particular durante a vida toda, come e dorme melhor porque não precisa trabalhar para ajudar a família.

Sobre o grande aumento do número de idosos, Timóteo aponta dois fatores: a melhora do sistema de saúde, além de vacinas, e a descoberta de novas medicações, aliada à redução do número de filhos nas famílias brasileiras. "Menos pessoas estão morrendo e há poucas nascendo", concluiu.

## País está ficando mais velho

O Brasil está mais velho. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostra que, em 2001, havia 15,3 milhões de pessoas de 60 anos ou mais no Brasil, uma fatia de 9,1% da população total. Desde 1940, a percentagem de idosos mais do que duplicou (era de 41%), e seu número aumentou 29 vezes (era de 528,1 mil).

No Estado, o número de idosos acompanha a projeção nacional e vem crescendo a cada ano. Em 2001, já representava 7,8% da população total do Estado, o

que significa 245.334 pessoas.

A melhora do sistema de saúde é apontada como uma das responsáveis pelo aumento da expectativa de vida da população da terceira idade, que está mais ativa a cada dia.

A aposentada Niceas Alves da Rocha é um exemplo disso. Aos 76 anos, ela faz cursos de espanhol e de informática e mantém o corpo sempre em forma com muitos cuidados com a beleza. "Estou sempre animada a fazer cursos e aulas", disse.

Ela possui uma teoria de que se ficar parado o corpo acaba enferrujado. "Os velhinhos de hoje se cuidaram para chegar a essa idade. Por isso é grande o número de pessoas da terceira idade. Eu procuro estar sempre exercitando, principalmente o raciocínio", salientou.

### Heterogênea

O estudo do IBGE mostra que o recente processo de envelhecimento da população do Brasil ocorre de forma heterogênea. Mas a desigualdade também é encontrada na terceira idade.

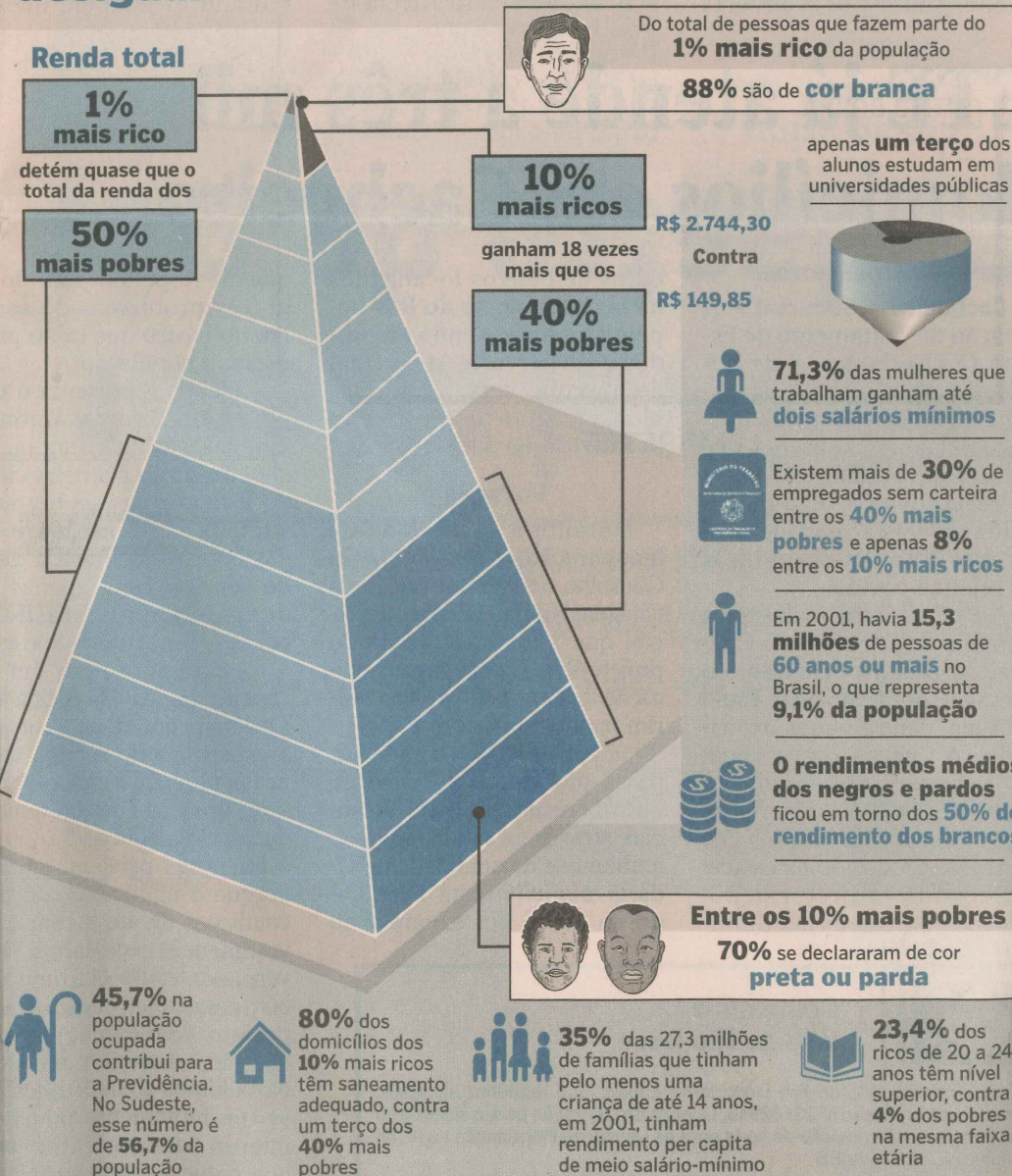
A renda familiar per capita de 41,4% dos idosos, por exemplo, é inferior a um salário mínimo. Entretanto, esses números são melhores que os de 1992. Naquele ano, 54,1% das famílias dos idosos do país tinham renda per capita inferior a um salário.

Houve melhora, porém, da escolaridade dos idosos em relação a 1992. E é observada em todas as faixas de idade desse grupo. Na faixa de 60 a 64 anos, por exemplo, 39,9% das pessoas tinham menos de um ano de estudo em 1992, e este percentual caiu para 32,0% em 2001.

A classe de 1 a 3 anos de estudo concentrava 23,9% dessa faixa de idade em 1992, e a taxa caiu 22,1% em 2001.

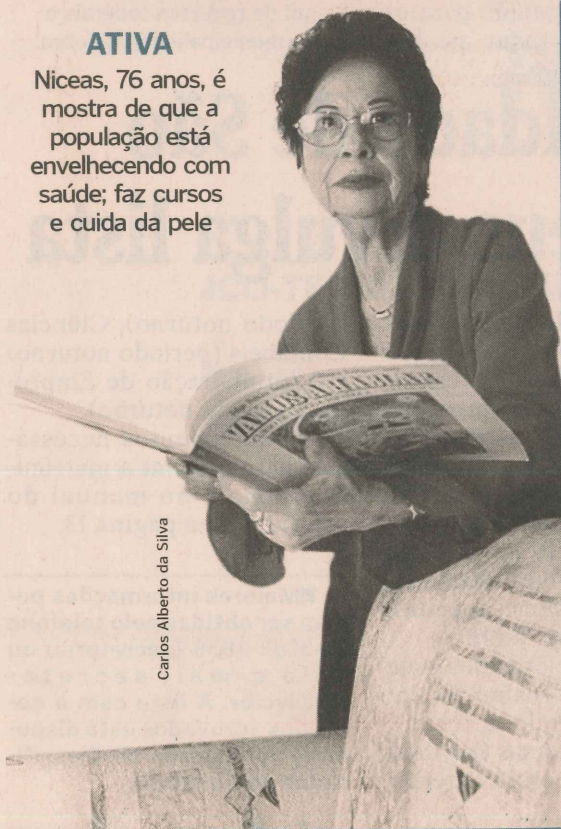
## Brasil desigual

Pesquisa divulgada pelo IBGE mostra um país desigual. A renda de 1% da população rica corresponde ao total da renda de 50% dos pobres. Negros e pardos ganham menos da metade que os brancos e os estudantes carentes não estão nas universidades públicas.



### ATIVA

Niceas, 76 anos, é mostra de que a população está envelhecendo com saúde; faz cursos e cuida da pele



Carlos Alberto da Silva